

Stadium

N.º 335

4 de Maio de 1949

Preço: 2\$50

A REVISTA GRÁFICA DE DESPORTO DE MAIOR TIRAGEM E EXPANSÃO

BENFICA GANHA AO TORINO!

Francisco Ferreira, no dia da sua homenagem, realizou mais uma exibição digna da sua categoria. Apresentamo-lo, dominando a bola alta, curiosamente observado por Gabbeto e Felix. O capitão da equipa nacional, brilhante vencedor dos campeões de Itália, deixa bem vincada nesta admirável fase a sua garra de atleta indomável, na maneira do Benfica.



Mais uma eliminação sensacional

Passaram às meias-finais Vitória de Setubal, Sporting da Covilhã e Atlético, estando para resolver o pleito Marítimo-Benfica

A Taça de Portugal, combatida por uns e defendida por outros — é sempre assim na vida! — segue a sua carreira, dando-nos domingo a domingo a eliminação de um Grande, ao ponto de se encontrar presentemente na Prova apenas um clube dessa espécie.

Estas eliminações são um mal ou um bem? — Nem uma nem outra coisa. Parece-nos próprio de uma competição em que o Sorteio desempenha um papel fundamental. Ai daquele que cair no campo do adversário!

O primeiro gigante que tombou foi o Sporting. Depois o Belenenses. Logo a seguir o Porto. E' curioso anotar que, à excepção do Benfica, encontram-se na Prova clubes que, no Campeonato Nacional, ocuparam degraus do fim. A Taça de Portugal, neste seu molde, é bem uma Prova de incertezas, dúvidas e desesperos. A regularidade foi substituída pela sorte.

A última eliminação, a do Porto, deu lugar a mais críticas e tornou-se um motivo de conversas. O árbitro não viu, e tantas vezes sucede isso em futebol, uma coisa

que toda a gente observou: uma defesa feita com as mãos na linha da baliza por Figueiredo. Tudo gira à volta da sorte...

Os resultados apurados nos Quartos de Final foram os seguintes:

V. Setubal .. 1 — F. C. Porto.. 0
Atlético 6 — Lusitano ... 2
Sp. Covilhã. 3 — Sp. Braga .. 1

A jornada não ficou completa, em virtude do encontro Marítimo-Benfica haver sido adiado para o próximo domingo, devido ao atraso do paquete «João Belo».

Voltando à eliminação do Porto, devemos acrescentar que o Vitória de Setubal soube aproveitar excelentemente a situação. Deu-nos, mesmo, as duas facetas do futebol. Na primeira parte, a favor do vento, os setubalenses dominaram intensamente. Certo, desse domínio saiu somente um golo, primorosa execução de Rendas, mas tal deve-se à forma como os portuenses se defenderam. Na verdade, os homens do Porto, bem ligados os seus esforços, tornaram improficuos no momento derradeiro muitas avançadas dos contrários.

No segundo tempo, o colorido mudou de tom. O Porto passou a exercer domínio de ligação e territorial, encerrando os setubalenses na ideia defensiva. Mas se uns lutavam para anular a pequena diferença de uma bola, outros não lutavam menos para conservar essa vantagem. Sucedeu no caso presente o que é vulgar: à medida que o tempo passava, os portuenses perdiam as esperanças e desesperavam-se... Só assim se compreende a passagem de Virgílio para o centro do ataque. Precisamente, este jogador perdeu a oportunidade do empate...

Passando para o encontro da Covilhã, pode dizer-se que este jogo teve muito interesse. Logo de entrada, apesar do contra vento, o team visitado deu-se a futebol de ataque. Para isso, e inteligentemente, os covilhanenses puseram a bola a rolar no terreno, resultando combinações precisas. Os bracarenenses, sem se desorientarem, tinham no entanto dificuldade de penetrar no jogo ofensivo do adversário.

Nem a lesão do interior-esquerdo da Covilhã (Tomé) quebrou esse ímpeto. A linha avançada foi modificada, mas a toada de combinação manteve-se.

Todavia, o primeiro grupo a marcar foi o Sporting de Braga, e isso fez com que a Covilhã passasse a jogar com mais prudência. Os bracarenenses apoderaram-se nessa altura do fio do ataque, mas os lóes da Serra não perderam o sentido das oportunidades, e, a um minuto do fim da primeira parte, estabeleceram a igualdade.

Estava ditado praticamente o vencedor! A verdade é que o empate surgiu na boa altura para os covilhanenses. Estes entraram no campo confiadamente na segunda parte. Sucederam-se avanços sobre avanços. A defesa de Braga trabalhou corajosamente. Mas nada mais pode fazer. Quando Teixeira da Silva conquistou o 2.º ponto, os bracarenenses alteraram a

Ano VII — II Série — N.º 555
Lisboa, 4 de Maio de 1960

Stadium
REVISTA DESPORTIVA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA DA ROSA 252-1.º
Telefone. 31187 - LISBOA

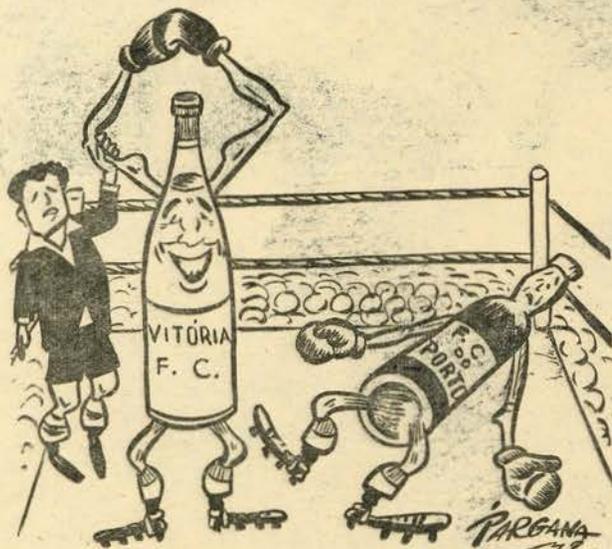
Director e Editor: DR. GUILHERMINO DE MATOS
Chefe da Redacção: DR. TAVARES DA SILVA

Propriedade de
EMPRESA PUBLICAÇÕES STADIUM LIMITADA

NEOGRAVURA, LIMITADA

Visado pela Comissão de Censura

A "graça" da semana



O «Moscatel» de Setubal pôs o «Porto» fora de combate... Um bom golo!

Sorteio das meias-finais

O sorteio para as meias-finais deu o seguinte resultado: Vitória de Setubal contra o vencedor do jogo Benfica-Marítimo; Sporting da Covilhã contra Atlético. Desafiou nos campos dos clubes designados em primeiro lugar.

A data das meias-finais depende do resultado do encontro Benfica-Marítimo. Se o Benfica vencer, jogam-se a 29 do corrente, depois dos dois desafios internacionais: Portugal-País de Gales (15) e Irlanda-Portugal (22). Se o Marítimo ganhar, utilizar-se-á o dia 22, jogando-se a final a 29.

**ALMANAQUE
DOS
DESPORTOS**

340 PÁGINAS — 500 GRAVURAS

ENCONTRA-SE A VENDA:
NOS NOSSOS AGENTES — NAS PRINCIPAIS LIVRARIAS
E NA ADMINISTRAÇÃO DA «STADIUM»
Rua da Rosa, 252 — Telefone 31187 — LISBOA — Preço: 40\$00

Três candidatos ao título dos juniores

O Sporting, com a sua categoria de juniores perdeu no domingo pela primeira vez na presente época e com essa derrota comprometeu seriamente as suas pretensões a este terceiro título.

O jogo, que atraiu ao Lumiar bastante publico, terminou pela vitória do Oriental sobre o Sporting por 1-0 e não se pode contestar o triunfo meritório da equipa que demonstrou melhor conjunto e mais eficaz sentido de jogo. Os «leões» ficam, novamente, devendo ao seu excelente guarda-redes um resultado tão equilibrado.

Os rapazes do Oriental, mais mechidos, com o sentido da desmarcação que faltou aos seus adversários, mostraram-se, sem dúvida, superiores no terreno; por isto há o direito de lhes apontar certos exageros censuráveis, sem nenhuma utilidade prática e muito de lamentar em jogadores da sua idade. Convençam-se que os seus melhores momentos, os tiveram quando abstrairam de irregularidades e violências.

O árbitro, sr. Feist, foi neste capitulo bastante culpado pela sua brandura inicial, no período mais desagradável; duas «rauteiras» passadas a avançados leoninos, nos primeiros minutos quando se escapavam com caminho livre para a baliza, mereciam o castigo máximo e a expulsão temporária do delinquent. Tal medida teria evitado muitos abusos posteriores, de ambos os lados.

Com este resultado, o interesse do campeonato aumentou para a última jornada, na qual o encontro Belenenses-Sporting é decisivo e importa a três candidatos ao título: o Sporting será campeão, vencendo; o empate obrigará a novo jogo entre Sporting e Oriental; finalmente, a vitória do Belenenses, colocou-lo a par do Oriental, com necessidade de jogo de apuramento entre os dois.

Enquanto os juniores liquidam com tanto entusiasmo a sua contenda, os grupos principais marcam compasso de espera para encaixarem o campeonato nacional, cujo regulamento aprovado e comunicado aos clubes em principio de Fevereiro passado, só agora merecem reparos aos representantes de Lisboa. O assunto deve ter sido solucionado ontem e esperamos que da melhor maneira para os interesses da modalidade que não merece ser vítima da pouca atenção dos dirigentes que só se lembraram de Santa Bárbara quando se viram de baixo da trovoadas.

E não esqueçamos ainda que apenas três semanas nos separam do encontro com a França; bem ou mal, a preparação individual dos possíveis tem prosseguido, mas nada se fez ainda — apesar dos louváveis esforços do seleccionador — que possa corresponder em verdade ao necessário adestramento da equipa nacional.

José de Eça

TRÊS CLUBES

com possibilidades de conquistar o título de campeão de Lisboa

CONCLUIU-SE no domingo a primeira fase do 25.º campeonato de Lisboa de hóquei em campo. E três clubes (Atlético, Belenenses e Benfica, os dois primeiros ainda sem derrota) estão em igualdade de circunstâncias para a probabilidade da conquista do título. Mas não se esqueça de que o Benfica (apenas tenção perdido com o antigo Carcavelinhos) é o campeão... e vencerá, certamente, muito cara a derrota — se ela vier a verificar-se! Portanto, como aviso prévio, atenção à segunda volta.

O Futebol Benfica (cuja acção no torneio internacional que foi disputar a Bruxelas na sua situação de último vencedor da «Taça de Portugal» — assim uma espécie de campeonato nacional... — foi deveras interessante e mereceu unânimes louvores da crítica belga) tem tido comportamento mediocre na prova lisboeta. Ocorre, por conseguinte, pôr aqui a questão claramente: — Jorgar-se-á tão bem (em Portugal) ou tão mal (na Bélgica) que justifique a actualização dos benfiquistas em relação aos seus companheiros dos torneios de Lisboa e de Bruxelas? E caso para pensar maduramente — na certeza certa de que o hóquei em campo praticado pelos

lusitanos não é tão mau como o pintam...

Nos desafios da última ronda da primeira volta, efectuados como se diz acima, no próximo domingo, Belenenses venceu Futebol Benfica (1-0) e Benfica derrotou Hóquei C. P. (2-0) — apurando-se a classificação seguinte: 1.º Atlético — 11 pontos (3 vitórias e 1 empate) e 3-0; os «belenenses» — 10 pontos (2 vitórias e 2 derrotas) 7-1; 3.º Benfica — 9 pontos (2 vitórias, 1 empate e 1 derrota) e 5-3; 4.º Futebol Benfica — 6 pontos (1 vitória e 3 derrotas) e 8-4; 5.º Hóquei C. P. — 4 pontos (só derrotas) e 0-15.

Quererá isto dizer — pela simples anotação dos números — que vamos ter este ano mudança de nome na lista dos campeões: onde figuram Benfica (9 vezes), Futebol Benfica (10), Hóquei C. P. (1) e Internacional (4)?! Dir-se-ia até estar a preparar-se terreno para um «novo-velho»: Atlético ou Belenenses... Nenhum dos dois foi ainda campeão — e qualquer deles merece, pela sua teimosa persistência e entusiasmo de sempre, o prémio de consolação. De ali, para, o interesse que o torneio está a despertar — porque o Benfica, a despeito de contar uma derrota, ainda dão perdue possi-

bilidades de continuar campeão.

O Atlético — com três partidas em casa — é, todavia, talvez o mais favorecido dos três: bateu o Benfica no Campo Grande por 1-0, e foi empatar a Belem (0-0) — ganhando ainda ao Futebol Benfica e ao Hóquei, em Palma, a ambos por 1-0. Não sofreu um golo sequer! O Belenenses derrotou o Futebol Benfica (1-0) e o Hóquei C. P. (5-0) — empatando com Atlético e Benfica (1-1). Apenas consentiu um golo — o que poderá querer dizer algo sobre o seu valor actual. E o Benfica? Os campeões venceram o Futebol Benfica (2-1) e o Hóquei C. P. (2-0), empataram com Belenenses e perderam, no seu campo com o Atlético. Dir-se-á o menos afortunado. Mas a prova vai em meio.

Do que não resta a menor dúvida é que o 25.º campeonato de Lisboa de hóquei em campo está a despertar vivo interesse; e depois da estreia internacional de uma equipa de clube (com foros de acontecimento importante) pode-se esperar maior desenvolvimento e propaganda para a modalidade — posto é que as coisas se mantenham no mesmo pé e o entusiasmo não estiole. Fazemos sinceros votos por isso mesmo.

JORGE MONTEIRO

ATLETISMO

OS CAMPEONATOS UNIVERSITÁRIOS

DISPUTADOS sob vento ciclónico, os campeonatos universitários de 1949 confirmaram aquilo que toda a gente sabe: não existe, em Portugal, desporto universitário

No entanto, estiveram presentes alunos de oito escolas e, com melhores condições atmosféricas e a presença da Escola do Exército e do I. S. Técnico, o torneio teria tido, apesar de tudo, entusiasmo e interesse, pois reuniria número apreciável de atletas de valor, formados nas escolas clubistas.

Assim, a emoção faltou; quarenta e quatro concorrentes, nunca mais de seis por prova, às vezes dois e, até um só, é escasso, escassíssimo. Desporto universitário, terá de ser mais qualquer coisa.

Mais completa, melhor preparada, a equipa do Instituto Nacional de Educação Física ganhou a competição, somando 67 pontos com 11 representantes; a Faculdade de Medicina, com 12 participantes, classificou-se em segundo lugar com 41 pontos. Seguem-se: Agronomia, 24 p.; Ciências, 19 p.; Económicas, 10 p.; Direito, 8 p.; Colonial, 6 p. e Belas Artes, 5 pontos.

As corridas foram as mais prejudicadas pela ventania, excepto os 100 metros e os 110 metros-barreiras, corridas com vento nas costas.

Pais Dias venceu, com 11,3 s. e 24,3 s. as duas provas de velocidade; tempos modestos, mas que lhe permitiram triunfo folgado nos 100 e luta renhida nos 200 metros com Nelson de Barros e Rasquilho Raposo.

Chamou nossa atenção o estudante de Direito, José Manuel Ribeiro, com 11,8 s. nos 100 metros, o que é bastante bom para um desconhecido das competições oficiais.

Nas restantes distâncias a deficiência cresceu na proporção directa do aumento da distância: 57,5 s. nos 400 metros, por Rasquilho Raposo, sem adversário que apertasse; 2 m. 22,8 s. nos 800 metros e 4 m. 59,5 s. nos 1500 metros, com Ribeiro da Costa e 13 m. 56,4 s. nos 3.000 metros, por Morbey Junior, o que representa verdadeiro passeio higiénico.

Carlos Oliveira ganhou as duas provas de barreiras: os 110 metros em 17 s., seu tempo usual e

os 400 metros em 1 m. 32 s., o que bate o recorde universitário e constituiu proeza apreciável, dada a força do vento.

Sobre estafetas, nada a dizer: Direito foi único concorrente aos 4x100 metros, que percorreu em 54 s., tempo mediocre para um corredor individual da distância; o I. N. E. F. ganhou a outra em 4 m. 5,2 s., média fraquíssima, mas que bastou para deixar muito longe os adversários.

Os resultados dos saltos foram relativamente os melhores: Luis Falcão venceu o comprimento com 6,48 e a altura com 1,75, mostrando possibilidades para ir mais longe. Tem o metro e oitenta ao alcance num dia favorável. Carlos Oliveira ganhou o triplo com 12,99, num ensaio marcado a quem da tábua e Prista Caetano transpôs 3,05 com a vara.

Nos lançamentos ficaram campeões: Cortes de Moraes no peso, com 10,750; Eduardo Cunha no disco, com 34,75; Ramalho no dardo, com 38,88 e Vieira da Fonseca no martelo com uns bons 35,79.

Salazar Correia

AS MEMÓRIAS DE XICO FERREIRA Recolhidas e contadas a ROSA de MATOS

(CONTINUAÇÃO DO NÚMERO ANTERIOR)

Ao entrar em campo, perdidos no meio dos companheiros, o Xico sentiu um calafrio percorrer-lhe a espinha, e não foi capaz de ocultar a emoção que o assaltou.

Carlos Pereira animou-o, então, com uma palmada forte nas costas, e palavras de incitamento:

— Nada de nervos, rapaz! O que é preciso, é acertar na borracha...

Um sorriso tímido, contrafeito, foi a única resposta do Xico. Olhou os milhares de cabeças postadas à volta do rectângulo, e de si pra si pensou que o Carlos Pereira, com a sua experiência tinha razão.

Era preciso acertar na borracha, e mostrar a toda aquela multidão que um novato, quando quer, também sabe arrancar aplausos vibrantes, palavras de incitamento.

E dispôs-se a jogar. A dar tudo por tudo. Ao cabo dos noventa minutos do prélio, o F. C. Porto tinha ganho o encontro... e um novo médio esquerdo. O Xico, por sua vez, alcançara as espumas de ouro de futebolista, e a simpatia da massa associativa do seu clube.

Para ele começou, então, uma vida nova, com os seus 18 anos feitos há pouco. Vinha apontado pela crítica, louvado pelos adeptos portugueses e acarinhado pelos colegas de equipa. Que mais poderia desejar, ele, que ainda há bem pouco era um ilustre desconhecido, e já agora via o seu nome nos jornais, e formar-se à roda uma onda de popularidade, traduzida na forma como ouvia ser citado nas ruas ou nos cafés — o seu nome, quando adregrava de passar?

Decididamente, o Xico não cabia em si de contente.

PARA ESTREIA... FOI CAMPEÃO!

Um dia, a equipa teve que deslocar-se para Lisboa. Tratava-se de ir à Tapadinha, defrontar o Carcavelinhos — a célebre formação que os entusiastas da bola designavam por «Sparta de Alcântara» — e a deslocação era algo difícil para o campeão português.

Era a primeira vez que o Xico saía do Porto, e isso equivalia a ter que tregar a patentes. É um costume de há muito instituído entre os jogadores de todas as equipas... e praxes, são praxes! Não havia que fugir, portanto.

A laia de convénio sagrado, os futebolistas portugueses haviam deliberado entre si — e nunca o compromisso se quebrou: — que o estreadante em deslocações saísse do Porto sem um centavo no bolso, e teria de gastar com os companheiros a importância atribuída pelo clube como compensação pelo salário perdido nos empregos.

Dizemos, entre parêntesis, que nessa altura, os futebolistas não tinham ordenados pelo clube, sendo amadores puros, portanto. Somente as transferências valiam dinheiro. Além disso — já fechámos o parêntesis — o novato era promovido a «secretário privado» de cada companheiro, e devia sentir-se honrado em desempenhar funções de «cerlado particular». Brincadeiras e costumes inofensivos, claro, que não vexavam os protagonistas, e serviam esplendidamente a cimentar entre todos os camaradas uma amizade sã, fruto de um convívio que conduzia inevitavelmente a produzir uma equipa em que os seus componentes se encontravam estruturalmente ligados.

Saiu-se do Porto sem um tostão, e sem um tostão se era obrigado a regressar ao burgo...

Havia, também, uma praxe a que o Xico — como bom peffito — não se furtou: a obrigatoriedade de se estender ao comprido no chão do compartimento que só a equipa ocupava no comboio, e sofrer a tortura de umas boas dúzias de palmadas em sitio que o decora manda calar. Ainda hoje há esse costume no F. C. Porto.

Aquele que as sofresse sem um queixume — e o Xico apanhou-as resignada e calmamente — estava apto, por decisão unânime do conselho dos mais velhos, a ser um «fixe» da equipa.

Que o pensamento não era enfermigo, ficou demonstrado mais tarde, quando o Xico rumou a Lisboa — como veremos adiante.

A época 1937/38, entretanto, corria célere. O F. C. Porto, já o dissemos, tinha uma equipa poderosa, e caminhava a passos agigantados para conquistar o título de Campeão de Portugal.

Energico, voluntarioso e aguerrido, o Xico tomava parte activa na carreira brilhante da sua equipa, e firmava-se com solidez no conceito de todos que o viram actuar.

E o grande dia chegou. Apurado para a final, o Porto devia ir a Coimbra, para disputar no Arnado, com o Sporting, o título cobigado.

Durante toda a semana que precedeu o prélio, a cidade da Virgem viveu ansiosa o grande momento, e os seus filhos, baírristas até à loucura, não escondiam a emoção de que andavam possuídos.

Confiavam na vitória da sua equipa, é certo, mas não podiam esconder a preocupação que os assaltava, pelo valor do adversário.

O Xico figurava no número dos jogadores em que os portuenses mais confiavam para uma representação brilhante de futebol tríplice. O seu nome era dos que mais se citavam, de em volta com Vianinha, Pinga, Soares dos Reis e Carlos Pereira, e todos sabiam que o ardor da sua juventude, a chama da sua mocidade estuante que se desdobrava em sorrisos de confiança nas faculdades próprias, eram garantia suficiente de que ele honraria a camisola do seu clube.

E o Xico não desmentiu as previsões.

Naquela final empolgante em que o Porto bateu o Sporting pela diferença mínima três golos contra dois — e levou para a sua terra o amunicionado título de Campeão de Portugal, o nosso Xico soube ser um magnífico pilar da defesa, um esplêndido alimentador do ataque.

Já então a fazer alarde daquela característica muito sua de aparar o esférico com o seu peito forte, deixando deslizar suavemente, quebrado pela imposição do seu domínio, para aquele pé esquerdo que viria a ser famoso, o Xico deu no Arnado um altíssimo exemplo da sua paixão pelo jogo, dando-se à luta com uma alegria que contagiou os companheiros, agigantando-os para o triunfo.

Foi triunfal o regresso ao Porto, e o Xico ainda hoje recorda emocionado a alegria que dele se apoderou pela conquista do título. Era o seu primeiro título, e nada poderia ser mais grato ao seu espírito do que ver-se campeão aos 18 anos, na época primeira em que ficou integrado no primeiro team.

SOMBRA NEGRA NAS RELAÇÕES XICO — F. C. DO PORTO

A vitória retumbante no Campeonato de Portugal mareara o encerramento da época. Entretanto, o prestígio de Xico Ferreira passara para além das «barreiras» que delimitavam a cidade do Porto, e algumas propostas já haviam surgido, para a sua transferência, de em volta com Vianinha, Pinga, Soares dos Reis e Carlos Pereira, e todos sabiam que se deslocaria. Esse, no entanto, nada tentara. E o Xico ia ficando pelo Porto, até que...

...Um dia surgiu um caso sentimental — os 18 anos a fazerem das suas — na vida do Xico, e ele necessitou de procurar um entendimento com a direcção do seu clube. Presidia nesse tempo à colectividade azul-branca a figura conhecida do dr. Ângelo César.

Não correram as coisas como o Xico desejaria, muito embora lhe não fosse negada de «chofres» a anuência à pretensão apresentada. O caso ficaria para ser revisto. Essa foi a primeira nêvem que toidou ligeiramente o céu da sua vida de desportista ao serviço do F. C. Porto.

A um amigo que se lhe afeiçoara, figura portuense muito conhecida e que ao Benfica consagra uma idolatria bastas vezes provada — o popular Neça, ourives — o Xico confidenciou as suas mágoas, lamentando-se da frieza com que fóra recebido.

E o Neça propôs-lhe, então, servir de mediano no seu ingresso no Benfica — se as relações com o F. C. Porto atingissem um grau de tensão a que fosse impossível fugir. De todas as propostas feitas, só aquela o Xico recebeu com atenção. E que se tratava do Benfica, o mais popular dos clubes portugueses, e o Xico — filho do povo, entre o povo criado e educado — sentia forte inclinação para a camisola «encarnada», expressa no interesse com desde tamanho seguia a carreira do clube lisboeta.

Não lhe sorria, contudo, a ideia de «desertar» do clube onde «nasceras» futebolista. A menos que algo se produzisse capaz de o levar a tal decisão.

E esse algo surgiu um dia, quando ele de novo voltou à presença do seu clube, a relembrar o que em tempo, solicitara.

À resposta que recebeu, o Xico foi forçado a opôr considerações. E estas levaram ao acastelar de mais névems sombrias, breve transformadas em «borrascas» que veio a terminar com o seu afastamento das fileiras do clube portuense.

E escolheu, então, o Benfica, o clube que ele admirava, mas em cuja equipa jamais pensara ingressar. É que a entrada nas formações benfiquistas não estava ao alcance de qualquer.

CAPITULO III

COM O INGRESSO NO BENFICA CRESCER A POPULARIDADE

Se a conquista do Campeonato de Portugal o havia emocionado profundamente, não é menos certo que não foi menor a emoção que o Xico sentiu quando, pela primeira vez como benfiquista, entrou no célebre e já hoje imolado rectângulo das Amoreiras.

Ali sofrera poucos meses antes uma amarga derrota por 7-0 — resultado que repercutia fortemente no ânimo dos desportistas portuenses — e ali voltava agora disposto a honrar e servir lealmente a camisola do clube que se dignara acolhê-lo.

O Xico sabia bem o peso da responsabilidade que ia impender sobre os seus frágeis ombros de incipiente desportista, mas jurara intimamente procurar compensá-la com dedicação, com brío e com a sua habitual força de querer. Vinha para o Benfica para triunfar, e estava certo de que o conseguiria.

(Continua no próximo número)



Esta equipa do F. C. do Porto ganhou em 1937 o Campeonato de Portugal, batendo o Sporting em Coimbra. Francisco Ferreira tinha 18 anos! Aqui o vemos, de pé, em 3.º lugar a contar da esquerda, ainda imberbe, moço e cheio de esperanças. São seus colegas, todos nomes de categoria, de pé, da esquerda: Manuel dos Anjos, Carlos Pereira, Xico, Ernesto Santos, hoje um técnico de grande categoria no Brasil e que então capitaneava o F. C. Porto, Vianinha, Soares dos Reis e Gutka, treinador. De joelhos, também da esquerda: Lopes Carneiro, António Santos, Reboredo, Artur Sousa (Pinga) e Carlos Nunes. À direita: Guilherme e Francisco Ferreira, os capitães respectivamente do Porto e do Benfica, recebem trofeus valiosos. Dois adversários — dois amigos!

NA TAÇA DAVIS

PORTUGAL FOI ELIMINADO

Em três dias, no fim da última semana, disputou-se o Portugal-Inglaterra de Ténis, eliminatória da Taça Davis. Como estava previsto — o nosso país ficou fora da competição.

Em todo o caso — não saímos desairosamente. Diga-se, mesmo, que não era de esperar uma reacção tão viva como aquela que se verificou por parte dos jogadores portugueses. Se atendermos a que Eduardo Riccardi, o nosso n.º 1, se recusou a fazer parte da equipa — tudo se permite aos amadores! — e que esta era integrada por um elemento jovem, ainda sem suficiente calo de luta, concluiremos haver sido honroso o comportamento dos jogadores portugueses.

Procedeu bem a Federação de Ténis inscrevendo-se na Taça Davis? — Sem dúvida. Trata-se de uma Prova de grande projecção, e o nome de Portugal não podia deixar de aparecer. Mas a Federação não limitou a sua acção a inscrever-se, cruzando os braços. Foi mais longe, e contratou um treinador (Romanoni), assegurando-se do Pavilhão dos Desportos. Conseguiu ainda uma organização modelar. Apuraram-se os seguintes resultados técnicos:

Mottram-Roquete $\frac{1}{2}$, $\frac{0}{2}$ e $\frac{1}{2}$.
Paish-José da Silva $\frac{1}{2}$, $\frac{0}{2}$ e $\frac{0}{2}$.
Mottram-Paish contra Roquete-José da Silva $\frac{1}{2}$, $\frac{0}{2}$ e $\frac{0}{2}$.
Lewis-Roquete $\frac{1}{2}$, $\frac{0}{2}$ e $\frac{1}{2}$.
Mottram-José da Silva $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{2}$, $\frac{1}{2}$ e $\frac{0}{2}$.

Os jogadores ingleses não deslumbaram. Os três, de valor sensivelmente igual, são, no entanto, homens de competição, já muito afeitos a provas internacionais. Mottram bate bem a bola, é duro e forte, de grande resistência, não tendo variedade de golpes. Paish tem mais ou menos as mesmas características. Lewis, a actual esperança do ténis inglês, revelou excepcionais qualidades.

A excepção do jogo de pares, em que os portugueses foram liquidados pela excelente compenetração do par inglês, os restantes encontros foram disputados com muito interesse, registando-se golpes de qualidade.

Roquete, na partida contra Mottram, atingiu o seu melhor ponto, desenvolvendo jogo forte e preciso, e colocando em sérias dificuldades o n.º 1 da Inglaterra. Precisamente contra Mottram fez igualmente José da Silva o seu melhor, arrancando estupidamente uma partida e equilibrando duas outras. É das vezes que temos visto José da Silva mais brilhante.

Os dois capitães, dr. Gregory e Joaquim Miguel Serra e Moura, acompanharam o desenvolver dos *matchs* com o seu conselho, influido porventura na prova. As arbitragens caracterizaram-se por um escrúpulo que, nem sempre, os portugueses encontram no estrangeiro.

Enfim, o ténis deu um passo e venham jogadores novos e outras competições. É a perder que se caminha para as vitórias. — T. da S.



No fim do match, Mottram e José Roquete cumprimentam-se desportivamente



Mottram e José da Silva vão começar a partida



Paish em acção no fundo da pista



Um drive da esquerda de José Roquete



Lewis revela a sua habilidade!



José da Silva no seu dia de brilhantismo contra Mottram



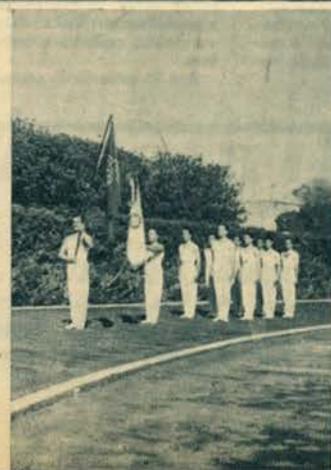
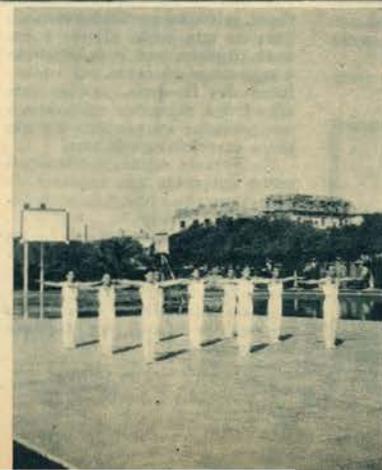
Mottram, o campeão inglês, devolve uma bola no fundo da pista



As equipas, alinhadas, no meio da pista, antes de começar o Portugal-Inglaterra



O sr. ministro da Educação Nacional prof. Pires de Lima, interessou-se pelo encontro. Ao seu lado vêem-se os srs. Eng. Rodrigo Castro Pereira, eng. André Navarro, coronel Sacramento Monteiro e José Roquete



O GINÁSIO em CASABLANCA

1.— Um conjunto admirável de «Exercícios preliminares»; 2 — A equipa e as bandeiras, nacional e clubista, do Ginásio Clube Português; 3 — Ballerstadt, José Santos e Hernani Jardim, em exercícios de «Barra Fixa»

SOBRE O COMPORTAMENTO DOS GINASTAS PORTUGUESES PUBLICAREMOS NO PRÓXIMO NÚM.º UM BELLO ARTIGO DO PROFESSOR SILVA FERREIRA.

A primeira derrota do Uruguai e a ausência da Argentina

colocou o Brasil à vontade no campeonato sul-americano

(Especial para «Stadium», do nosso redactor Candeias Alvarez)

Depois de uma assistência relativamente pequena, despediu-se de S. Paulo o seleccionado brasileiro de futebol, que no seu último compromisso nesta cidade levou de vencida a selecção da Colúmbia pelo expressivo 5-0.

Ors, à primeira vista, o resultado do desafio que teve por cenário o magestoso Estádio do Pacaembu, poderá dar a ilusão de um absolutismo sem discussão em todos os aspectos da partida. No entanto, se a formação brasileira fosse outra, poderíamos ter assistido à queda do recorde de golos deste Sul-Americano de Futebol, cujo unico interesse no presente momento reside no facto de se saber qual será o goal-averagem do Brasil no final de todos os compromissos.

O seleccionado do Brasil apresentou-se desta vez com uma formação diferente da habitual, talvez por Flávio Costa pretender não só dar manifestação à sua proverbial vela de rapa, tira, delxa, e põe, como ainda também para descaço de alguns dos seleccionados sobrecarregados com jogos duas vezes por semana.

Por outro lado, o adversário que os brasileiros tinham pela frente, não eram de molde a preocupações sobre as possibilidades de um reves.

Os colombianos, tal como já havia sucedido com bolivianos e chilenos, entram em campo dispostos a evitar as goleadas já célebres. Souberam fazer-lo com altivez e disciplina. Durante toda a partida não vimos da sua parte uma actividade condenável. Equipa sem sistema prático tentou às vezes o emprego do W.M., o que não conseguiu convenientemente. Futebol confuso em que os praticantes carecem de habilidade, lutam com entusiasmo, mas como a melhor parte dos seleccionados que disputam o torneio faltam-lhes os predicados mais elementares.

Logo no inicio do encontro e numa das poucas avançadas que conseguiram fazer em que a ligação entre os diversos sectores foi um facto, a sorte foi-lhes adversa, pois que com Barbosa irremediavelmente batido, a bola foi à trava e saiu pela linha de fundo. Cremos que se os colombianos têm conseguido este ponto, o encontro não teria sido tão monótono, visto ele obrigar o Brasil à reacção que de certeza nos daria um «placard» avultado.

Depois e pelo tempo fora foram impotentes para deter os avançados brasileiros que sem esforço e quase sem «molharem a camisa», iam aos poucos aumentando o «placard». As dificuldades com que a defesa colombiana lutou, foram notórias e a está-ti-lo estão os três penaltis que o árbitro marcou com precisão, dos quais dois foram aproveitados, desperdiçando Orlando um outro.

Na equipa brasileira, desta vez como acima dizemos com formação diferente, especialmente na linha avançada, todos jogaram sem preocupações. As modificações introduzidas por Flávio Costa alteraram bastante a homogeneidade do conjunto, mas mesmo assim a invencibilidade foi mantida. Usaram e abusaram Orlando e A. Amir, do jogo individual, em prejuizo da equipa, perdendo bolas de bandeja entregues por Nalinho e esquecendo por completo que na ponta direita se encontrava um Tesourinho. Canhotinho, na extrema-esquerda, foi sempre um elemento perigoso pelos cruzamentos de primeira, endossando a bola a um companheiro de equipa com precisão matemática e fazendo esquecer Simão.

A linha média constituída por Bauer, Rui e Noronha, foi indiscutivelmente o estalo da selecção. Flávio Costa aproveitou e multifissimo bem, neste caso a coluna vertebral do São Paulo, transplantando-a para o seleccionado do Brasil com absoluto sucesso. Muito especialmente Bauer e Rui são dois jogadores que nada ficam a dever a Ely e Danilo. No encontro contra os colombianos eles foram os sustentáculos da equipa. A defesa encontrou Augusto na bitola normal e um Wilson falhou nas rebatidas e permitindo constantes infiltrações pelo centro do terreno. No entanto e para o final foi-se firmando.

Barbosa nada teve que fazer. Dos golos conquistados, merece especial registo o de Orlando a relembrar as façanhas do Diamante Negro. Foi indiscutivelmente o golo mais espectacular do encontro. Cobrindo uma falta de Picalus, Canhotinho cruzou sobre a área, para Tesourinha cabecear e Orlando de costas para a baliza em sensacional bicicleta, enfiou o couro no fundo das redes. O «pinço de ouro» do Fluminense que lamentavelmente havia desperdiçado um penalti, redimiu-se assim e muito bem.

Aos 20 minutos da segunda parte

Flávio fez substituir Barbosa por Osvaldo, Augusto por Santos e Noronha por Bigode.

Em São Januário e como complemento da rodada, disputaram-se os encontros entre o Chile e o Equador, e o Uruguai contra Bolívia.

No primeiro encontro entre Chile e Equador, estes lutaram no sistema habitual para fugirem a mais um reves. No entanto, e apesar de todos os esforços feitos, não conseguiram melhor que um 0-1 no final. Inclivelmente os chilenos deram a impressão de uma fácil victoria, quando aos 4 minutos abriram a contagem que permaneceria até ao ultimo segundo, mas os equatorianos apelando desta vez para o jogo brusco e fazendo por vezes uso de deslealdades que julgávamos não poderem existir na sua equipa pela forma correcta como enfrentaram as derrotas anteriores perderam em parte a simpatia do público carioca. Jogo sem história como tantos outros.

As equipas alinharam com: Equador: Torres, Andrade e Sanchez; Torres II, Cantos e Salgado; Artesaga, Carrica, Chuchuan, Malionado e Pozzo.

Chile: Levingstone, Arroz e Negri; Machuco, Manhoz e Busquet; Castro, Cresmach, Rojas, Varela e Hugo Lopez.

No encontro final os uruguaios apesar de terem dominado durante quase três quartas partes do encontro acabaram batidos pelos bolivianos com o score de 3-2. Jogo à base de entusiasmo, os celestes não souberam concretizar em golos o domínio constante sobre um adversário por vezes valoroso e que apesar de dominado nunca perdeu o sentido do ataque.

Os golos todos consignados na segunda parte deram um pouco mais de interesse ao encontro, animando uma torcida que se encontrava bastante aborrecida com a pobreza do futebol desenvolvido.

O encontro não mereceu mais comentários. Sofreram os uruguaios a sua primeira derrota que, seriamente, não estava nas suas cogitações.

As equipas alinharam com: Bolívia: Araya, Aachá e Bustamante; Cabrera, V. Iñacia e Ferral; Alvarez, Uvarte, Mena, Gutierrez e Godoy.

Uruguai: Lopez, Gonzalez e Gadesa; Villacres, Garcia e Simon; Ramon Castro, Moreno, Ayala, Bencourt e Martinez.

O valor moral da educação física

COM este magestoso titulo publicou o professor cap. Alberto Marques Pereira, mais um tomo, o oitavo, do seu monumental «Manual de Ginástica Infantil», obra que, com o seu desenvolvimento cada vez mais se valoriza e mais valoriza a nossa escassa bibliografia da especialidade, como valorizaria a de qualquer outra nação civilizada do Mundo.

Temos acompanhado com vivo interesse o esforço do cap. Alberto Marques Pereira que conseguiu em moldes originaes, dar extraordinária beleza, verdadeiro cunho de arte, à exposição de um assunto forçadamente monótono e árido na sua sequencia técnica.

Os seus livros de ginástica infantil, a par da utilidade e dos elementos de estudo que proporcionam aos que conseguiram a sua vida ao ensino da educação física, possuem particular encanto para os que serão alunos e em suas páginas, nas suas artisticas e sugestivas gravuras, no simbolismo das imagens, na sabedoria afável dos conceitos aprendem a compreender e a adquirir o gosto pelos exercicios ginásticos.

No volume agora publicado, o autor apresenta um esquema de lição figurada utilizando a aparelhagem do ginásio.

Os exercicios, dados sob forma recreativa, interpretam-se pela invocação de acontecimentos históricos, que acrescentam à sua influencia educativa e lhes criam, no espirito infantil, um interesse particular.

Escrevendo e imaginando para professores e alunos, o cap. Alberto Marques Pereira pensou, sobretudo, nestes últimos e para eles illustrou e versou o seu livro; muito acertadamente afirma que «o verso é, de todas as linguagens, o meio de fazer pulsar mais facilmente os corações infantis».

O objectivo da obra, também o autor o apresenta: «que a criança reconheça que são as qualidades físicas que, muitas vezes, valorizam as do espirito e que, sem elas, os valores morais apagam-se e raras vezes atingem verdadeira expressão na vida».

Por isso a primeira parte do fascículo se refere ao desenvolvimento das qualidades, morais pela acção directa da educação física; é, também, o proprio autor que no-lo sintetiza: «Os valores morais na vida, capazes de originarem grandes cometimentos e de traduzirem os mais altos sentimentos humanos; poder-se-ão consubstanciar nestas palavras: servir, cumprir, obedecer, respeitar e amar. Pretendem demonstrar, neste livro, através do desenvolvimento da descação do significado daquelas cinco palavras, como, pela acção indirecta da educação física, o homem pode caminhar mais além em qualquer dos campos morais».

A mais elementar justiça manda que se diga que o cap. Marques Pereira deixa demonstrado no seu livro, com eloquencia e arte, aquilo que pretende.

S. C.

Manuel BARATA

Nosso colaborador — Técnico fotográfico

Participa que tomou a gerência técnica de A. R. L.

ARTES REUNIDAS, LIMITADA

Avenida Almirante Reis, 97, 1.º — Telef. 45296 — LISBOA
FOTOGRAFIA ❖❖ PUBLICIDADE ❖❖ CINEMA

Estranha confusão

ENTRE as provas clássicas do ciclismo internacional, Paris-Roubaix ocupa posto destacado, pelas suas difíceis condições de percurso e pelo prestígio das suas tradições. A célebre corrida do domingo de Páscoa atrai todos os ciclistas de fama, tanto franceses como estrangeiros e este ano, então, toda a fina flor do mundo velodrómico se reuniu à partida.

Depois de numerosas peripécias, três corredores — dois franceses e um belga — conseguiram escapar ao pelotão e alcançar as imediações do velódromo de Roubaix, onde se julgava a chegada, com cerca de quinhentos metros de avanço sobre os competidores imediatos.

Sucedeu, porém, apenas isto: os guardas da polícia encarregados de orientar o serviço de trânsito nesse ponto importante, induziram os ciclistas em erro, fazendo-os seguir pela estrada que não conduzia à entrada da pista.

As três vítimas percorreram assim cerca de duzentos metros a mais, entraram no velódromo fazendo cruzar o ciclo-pedestre e, apesar de tudo chegaram ainda à meta antes do pelotão que os perseguia e de cuja embalagem saiu vencedor o italiano Sérgio Coppi.

Es ándalo, grande confusão e Coppi reclama a desclassificação dos que o haviam perseguido, firmando-se no artigo do regulamento de provas que põe fora da corrida, peremptoriamente, todos aqueles que não cumprem até final o percurso determinado. Posto em face, de tão melindroso problema, os comissários não hesitam: dão por fundamentado o protesto e desclassificam M. H. e o primeiro corlar a meta apesar do prejuízo sofrido e os seus dois pobres companheiros de aventura.

Es ándalo redobrado e recurso de Mahé para a Federação, que descobre um outro artigo segundo o qual os corredores são obrigados, dentro das povoações, a seguir as ordens da polícia; reconhece que o desvio só prejudicou os três corredores eliminados e restabelece-os nos seus respectivos postos vencedores.

A coisa está por aqui, mas promete continuar, porque o Coppi Junior não se conforma com a sentença.

E nós pensamos, apenas: se isto acontecesse em Portugal o que se não diria do infortúnio e da incompetência dos desgraçados organizadores!

NATAÇÃO

ABRIU A TEMPORADA

com o festival da F. P. N.

DOIS acontecimentos, aliás de características diferentes, ficaram a assinalar a actividade natatória da pretérita semana: o Congresso ordinário da Federação Portuguesa de Natação e a abertura oficial da temporada, organização também levada a cabo sob a égide da entidade máxima da natação.

O primeiro daqueles acontecimentos merece bem uma referência, ainda que sucinta, pela força das circunstâncias, pois que o Congresso da F. P. N. foi, sem dúvida alguma, a consagração merecida ao labor da direcção que, da temporada de 1948, d'edicadamente se esforçou por movimentar a modalidade, procurando dar-lhe vida, dentro das limitadas possibilidades do nosso meio. Dessa actividade ininterrupta de seis meses de competições — coroada com uma iniciativa até então inédita, a Taça Natal — fala de maneira expressiva o bem elaborado relatório apresentado pela F. P. N., um trabalho notável, acentuando-se, aprovado por aclamação. Como por aclamação foi aprovado o parecer do Conselho Fiscal, tal como uma proposta nomeando sócios honorários os srs. dr. Oliveira Duarte, Cunha Martins, Bento Costa, Florindo Alves Costa e Joaquim Silva Santos — justo galardão à sua longa actividade de dirigentes.

A direcção de 1949 é, com pequenas alterações, a de 1948. Saudamo-la, na pessoa do seu presidente, o nosso prezado esmarado José Dias Pereira, angurando-lhe, muito sinceramente, uma feliz gerência.

O festival de domingo

Duas colectividades apenas estiveram presentes: Algués e Dafundo e Estoril-Praia.

Entre os «infantes» salientaram-se Agostinho Janeiro — vencedor dos 33 metros-livres (22,8 s.) e dos 33 metros-costas (27,7 s.) — e Carlos Paiva que venceu muito bem os 33 metros-bruços, em 31,3 s.

Nas categorias de «iniciados» e «principiantes» — cujas provas foram disputadas em conjunto — houve corridas bem disputadas, entusiasmo e bom espírito de luta. O estorilista Vasco da Silva Ribeiro venceu excelentemente os 66 metros-bruços, clássico (57,6 s.) depois de travar boa luta com Eduardo Candeias (57,9 s.). Nos 66 metros-costas, temos a assinalar a esplêndida vitória de José Iácio Bojji (49,4 s.), seguido de Eurico Perdigão e Rui Rubin. A prova de «livres» proporcionou a Fernando Madeira um excelente triunfo, no belo tempo de 41,1 s.

No que toca às provas reservadas a juniores e seniores, há que salientar em primeiro plano o nome de Guilherme Patrone, com a marca de 1 m. 44 s., nos 100 metros-livres, corrida a que apenas

compareceu, além do vencedor, Luís Marques do Carmo (1 m. 14 s.).

Jão Franco do Vale venceu absolutamente à vontade os 100 metros-costas, em 1 m. 16,5 s. Pereira Bastos, nos 400 metros-livres, não foi além de 6 m. 17,8 s., seguido de Alfredo Rodrigues (6 m. 25,8 s.).

Nos 100 metros-bruços, clássico, há a assinalar o magnífico duelo travado entre Luís Sebastião e Belmiro Santos. O representante do S. A. D., graças a uma excelente ponta final, venceu muito bem em 1 m. 32,8 s., Belmiro creditou-se de 1 m. 33 s.

A estafeta de 4 x 33 metros estilos, sem distinção de categorias, proporcionou excelente triunfo ao S. A. D. que classificou as três primeiras equipas.

E citemos, para terminar, os

nomes de Fernanda Cunha, Maria Fernanda Ferreira, Maria Ofélia Rosa que animaram o festival com a sua gentil presença.

Alex Jany continua...

O extraordinário nadador francês Alex Jany, um dos melhores valores actuais do desporto gaulês, continua em forma apurada.

Assim, há dias, em Reims, o famoso campeão melhorou o recorde local dos 200 metros livres, que pertencia ao célebre Jean Tarris, melhorando-o de 2 m. 12,2 s. para 2 m. 11,6 s.

Pouco tempo depois, em Casablanca, Alex Jany apossava-se de mais um recorde: o dos 100 metros-livres que, pertença do húngaro Barany com a marca de 1 m. 01 s., foi agora fixado em 59,9 s.

Esta renúncia natatória de Casablanca caracterizou-se para um notável conjunto de resultados, dos quais destacaremos o de Engel nos 200 metros-bruços (2 m. 53,8 s.) e os de Ginette Jany, brilhante vencedora dos 100 metros-livres e 100 metros-costas, senhoras, respectivamente, em 1 m. 14,7 s. e 1 m. 23,8 s.

Alex Jany e sua irmã Ginette continuam, pois, em boa forma, Como tal, os recordes vão caindo...

BASQUETEBOL

O FLUVIAL

sofreu a terceira derrota no "Nacional" da I Divisão

A terceira jornada do Campeonato Nacional da I Divisão, teve como nota saliente derrota do Fluvial, desta vez em Coimbra, em frente da esportosa equipa da Associação Académica.

Na realidade, os fluvialistas que na época passada tiveram comportamento interessantíssimo na competição, acusam este ano uma visível inferioridade, talvez devida em grande parte ao facto de já ter jogado por duas vezes fora do seu campo. E a única derrota que sofreu junto do seu público foi-lhe imposta pelo Vasco da Gama — a equipa mais categorizada de quantas disputam o torneio.

Portanto, é natural que na jornada seguinte, o Fluvial consiga melhorar a sua posição, pois agora só sairá do Porto para jogar em Sangalhos.

Até esta altura da prova, torna-se notada a boa actuação da Académica que nos dois jogos disputados registou outras tantas vitórias, realizando em ambas as ocasiões trabalho de certo modo agradável.

O Barreirense, na sua primeira deslocação, foi naturalmente vencido pelo Vasco, um encontro em que a superioridade do vencedor não deixou dúvidas a ninguém.

Registamos os resultados da jornada: Vasco da Gama, 47-Barreirense, 22; e Académica, 24-Fluvial, 22.

Depois destes encontros, o Vasco da Gama continua à frente da classificação com três jogos e seis pontos, seguido da Académica, com dois jogos e quatro pontos;

em terceiro lugar está o Barreirense com dois jogos e dois pontos; os últimos postos são ocupados pelo Sangalhos e pelo Fluvial, ambos sem pontos e respectivamente com dois e três jogos realizados.

A posse dos novos dirigentes da Associação de Lisboa

Realizou-se há dias a cerimónia da posse dos novos directores da Associação de Lisboa. Durante o acto, que foi particularmente concorrido, fizeram-se algumas afirmações de grande interesse para o basquetebol lisboeta, sendo de salientar as palavras do sr. Alfredo Viçoso, novo presidente da Direcção, que, entre outros assuntos, falou a conveniência de ser tratado o caso dos juniores, cujas inscrições estão suspensas por dificuldades surgidas.

Além disso, o sr. Alfredo Viçoso apontou a situação dos clubes de Lisboa, que estavam qualificados para o Campeonato da I Divisão Nacional, e que desistiram de o disputar por motivos de ordem financeira, como já por várias vezes temos verificado.

O sr. Manuel Raul dos Santos, presidente da Federação, igualmente se referiu aos casos citados, prometendo o interesse da que o organismo pará a sua actualização.

E de desajar, portanto, que tão decidida boa vontade e os importantes assuntos que afectam o basquetebol lisboeta.

Monteiro Póças

HOMENAGEM A XICO FERREIRA

BENFICA MARCOU 4 BOLAS NA DEFESA DE TÁLIA

BENFICA, 4 — TORINO, 3



A equipa do Benfica. Mais uma grande vitória. O Torino possui um dos melhores grupos da Europa, mas não pôde resistir-lhe, perdendo por 4-3



Francisco Ferreira — o homem de pé esquerdo infalível! O adversário está batido



Rogério teve oportunidade em evidenciar boa classe. Ei-lo parando um remate dos avançados italianos



A equipa do Torino, campeão da Itália e base da selecção do seu país. Embora perdendo por 4-3, revelou excelente categoria



Francisco Ferreira, o gigante de muitos jogos, segurando um galardete que lhe ofereceu Mazzola



Rogério Contreiras, que alinhou na primeira parte, segura com oportunidade uma bola alta



Felix está com autoridade nesta jogada. Gabetto não rematou com êxito



Espírito Santo, no seu estilo, domina a bola. E o adversário...

Entabuladas nas negociações com o Torino desce-se à boa febrada que, por nenhum dinheiro, o grande clube deixaria a sua doirada gaiola de campeão de Itália. Afinal de contas, e contra todas as previsões, demonstrando claramente boa vontade, o Torino veio a Lisboa para a Festa de Francisco Ferreira. Trouxe, é certo, todos os seus titulares, mas deixou o seu melhor futebol em terras italianas. Julgamos que o motivo desta visita superou todas as dificuldades, e muitas eram. A figura, donairoza e cavalheiresca, de Francisco Ferreira, conseguiu arrastar o Torino ao Estádio Nacional.

Todos disseram antes da partida que a equipa era magnífica. Admitimos perfeitamente que os libeotas, só por este jogo, não tenham a mesma impressão. Pelo menos, tão forte e tão nitida. Precisavam da prova de Génova, mas principalmente de Madrid, para atingirem a verdade. E, no entanto, os torinos começaram em gozo de grandeza. A facilidade inicial do seu futebol, dizem melhor, a graça e a suavidade do seu jogo tinham verdadeira senhoria. Mas os italianos, não fazendo futebol de campeonato, estavam manifestamente equivocados... Porque, ao desferirem as primeiras flechas, aliás envenenadas, os benfiquistas animaram-se extraordinariamente. No Vale do Juncal tornouse firme a ideia de que afinal, também jogávamos alguma coisa, o suficiente para pormos em transe difícil e grave o nosso categorizado adversário.

Como sempre sucede, à medida que o tempo corria e os benfiquistas se tornavam cada vez maiores — os italianos diminuíam de estatura e a bola espreitava-se-lhes. Até os Mazzolas esqueceram o que sabiam. O tratado estava em casa, ou então era folheado pelos libeotas.

Da suavidade do passe rústico, encantador e um belo espectáculo, os italianos passaram para o jogo por alto da segunda parte, empregando em si como eles sabem. Mas os benfiquistas nunca viraram a cara. O Torino desorientou-se um pouco — sentia-se impotente para arrancar o triunfo. Chegámos a ver os excelentes torinos a chutar e gado, não nos parece suficientes como justificação. Esta enpassar ao acaso. A inutilização de Gabetto, o centro-avancado, encontra-se fundamentalmente, na acção de Fezzan, benfiquense. Nem cansaço, nem outra causa. A raiz foi aquela!

O Benfica teve um período azo, quente e saboroso no primeiro tempo. Se fosse o Torino a fazer as coisas involuntariamente belas que o Benfica realizou nesse período — diríamos maravilhas dos italianos. Ora, só porque são portugueses, não podemos nem seria justo adoptar outro critério.

A estrutura benfiquense no que diz respeito aos movimentos tácticos foi sólida e modelar. Tal não nos causou surpresa na parte defensiva, mas o mesmo já não sucede no que se refere ao ataque. Os dianteiros foram rápidos, precisos no passe, não tiveram medo de caminhar com a bola nos pés, e remataram estupendamente.

O golo de cabeça de Arsenio foi um assombro! A segunda bola de Melão, um prodígio de habilidade, rapidez de manobra e colocação! Este ataque, com a saída de Espírito Santo, desvalorizou-se um tanto. Visto em conjunto, o comportamento desse ataque, que antes quatro vezes a bola nas balizas de defesa, praticamente da selecção italiana, ultrapassa todas as previsões.

No aspecto de domínio territorial, os italianos tiveram vantagem. No primeiro tempo houve, certamente, fases de domínio português — dois terços do tempo a nosso favor.



Rogério, num salto acrobático! Defesa de alta categoria

Mas na segunda parte, o grande quinhão coube-lhes. Na segunda metade, o Torino exibiu-se como se estivesse a disputar uma partida de campeonato. Nada podia fazer, contudo. Os benfiquistas defenderam-se com tenacidade, pondo à frente das redes uma autêntica muralha intransponível. Moreira, recuado e cobrindo o centro do terreno, prestava auxílio poderoso à tarefa da defesa.

Na altura de 3-2, o empate esteve à vista. Quando, porém, numa desmarcação inteligentíssima — nada ofside — Rogério consolidou o triunfo, todas as esperanças italianas se desvaneceram. O penaltie do fim deu-nos a impressão de uma transigência arbitral para um resultado mais nivelado. Os melhores árbitros internacionais são geralmente diplomatas.

Bacigalupo teve oportunidade de demonstrar a sua grande classe. Ballarin e Rigamonti, dois defesas duros e de pontapé fácil, destacaram-se. Castigliano esteve muito bem, e Fadini, a esperança italiana, não brilhou. Grezar, simplesmente magnífico. Na frente destacaram-se Mazzola e Menti. Loik afirmou forte presença.

Na defesa do Benfica não houve altos e baixos. Talvez Moreira fosse aquele de melhor rendimento, seguido de Xico Ferreira, e os médios são a base da equipa. Rogério tem uma classe inconfundível; quando se revela — cativeira todos. Melão esteve superior. Todos merecem, porém, boas palavras. A arbitragem foi conduzida com pericia e acerto. Um árbitro inglês é a tranquilidade e sempre a garantia. — T. da S.

Benfica: Contreiras; Jacinto, Felix e Fernandes; Moreira e Xico; Corona, Arsenio, Espírito Santo (na 2.ª parte Vitor Baptista e a passagem episódica de Júlio). Melão e Rogério.

Torino: Bacigalupo; Ballarin, Rigamonti e Martelli; Grezar e Castigliano (Fadini), Menti, Loik, Gabetto (Bongiorni), Mazzola e Ossola.

Golos dos portugueses: Melão (1.º e 3.º), Arsenio (2.º) e Rogério (4.º). Dos italianos: Ossola (1.º), Bongiorni (2.º), Menti (3.º) e penaltie.



A princesa Elizabeth e o duque de Gloucester assistiram, como é tradicional, à final da Taça de Inglaterra, em Wembley, ganha pelo Wolver sobre o Leicester City por 3-1. Nesta foto, a princesa Elizabeth entrega ao capitão do grupo vencedor Billy Wright, o troféu do vencedor



Três britânicos: — O árbitro, e os treinadores do Benfica e do Torino



Uma cerimonia habitual: — a troca de galardetes entre os capitães, Francisco Ferreira e Mazzola; por sinal capitães das equipas nacionais dos seus países



As duas equipas entram no Estádio. Francisco Ferreira e Mazzola comandam os seus homens. Estavam confiantes...



O 1.º golo do Torino. Marcou-o Ossola, num bom golpe, sem defesa para Contreiras

UM FESTIVAL DE PATINAGEM



No Pavilhão dos Desportos efectuou-se a Festa da Patinadora Portuguesa, interessante iniciativa do Hockey Clube Portugal. Os nossos clichés fixam dois momentos desse festival. Em cima o grupo gentil das patinadoras no Hockey C. P. e o grupo dos pioneiros da modalidade, nomes que foram recordados no decorrer dessa festa de patinagem



Em cima: Maria Manuela Troufe, do C. A. T. n.º 50, vencedora do 1.º Campeonato de tiro feminino a 50 metros, com 144 pontos em 15 tiros. Em baixo: As concorrentes ao Campeonato de tiro — friso simpático e alegre de desportistas.



DESPORTO CORPORATIVO

Fotos NUNES DE ALMEIDA e AMADEU FERRARI

A PRIMEIRA EXCURSÃO CONTINENTAL DE FUTEBOL

Por GEORGES LANGELAAN

Um comboio especial com ligação ao serviço de barcos de Dover a Calais transportará os entusiastas ingleses a Paris para o desafio França-Inglaterra a jogar em 22 de Maio. É a primeira vez que uma tal excursão se realiza, partindo da Inglaterra e parece ser um prenúncio da aproximação dos dias em que se aproveitem as férias no estrangeiro para os partidários dos clubes realizarem viagens de fim de época, tal como eu sugeri há algumas semanas.

Se esta ideia pudesse ser espalhada traria muito bem. Os entusiastas britânicos do futebol ficaram surpreendidos com o interesse que o futebol britânico tem em todo o Mundo. Embora a Inglaterra pareça ocupar com alívio o primeiro lugar na imaginação da maior parte dos habitantes do Continente, o estilo de jogo inglês aproxima-se muito mais do futebol continental do que, por exemplo, o da Escócia. Note-se também que o resto dos países britânicos são igualmente tidos entre os mestres do futebol.

Causou verdadeira surpresa a derrota da Inglaterra por parte da Escócia, em Wembley, mas os franceses classificaram-no de resultado caprichoso. Acham que se aproxima a altura em que alguns dos conhecidos nomes hão-de desaparecer do grupo da Inglaterra, e lamentar-se-á que Frank Swift, Stanley Matthews e Tom Finney arrumem as suas botas no campo internacional.

Em Paris, manifestou-se muito optimismo sobre o encontro da Escócia com a França, no dia 27 de Abril. O resultado de Wembley não descoroçou os franceses, mas accentuam que a França no ano passado venceu a Escócia por 3-0, em Paris.

Marcel Cerdan, campeão dos médios do Mundo, podia ter sido futebolista de craveira internacional se não tivesse encarreitado pelo boxe. O campeão francês não tem momentos melhores do que aqueles em que se dedica a pentear uma bola, e poucas vezes passa uma semana sem assistir a um desafio.

Os Jugoslavos fazem «trabalhar» a bola

O sr. Popovitch, personalidade importante no mundo futebolístico jugoslavo, esteve recentemente em Paris e assistiu ao desafio do Racing Clube contra o Lille. Acha ele que os jogadores franceses têm grande resistência mas técnica inferior à média do nível da Europa Central. Disse ele: «Na Jugoslávia o jogo não é tão rápido, nem tão vivo, mas a bola viaja mais».

O Juventus de Turim lançou os olhares sobre outro jogador sul-americano. Trata-se de Lustau, célebre ponta-esquerda do clube argentino River Plate. Ofereceu-se já um

grande prémio de transferência, mas na Argentina há grandes oposições à sua partida para a Europa. Todos os jogadores estrangeiros que os clubes italianos tentam atrair são avançados. Na Itália há uma verdadeira obsessão pelos grandes marcadores, parecendo prestar-se pouca atenção às linhas de defesa.

Os meios rápidos de transporte que os grupos de futebol tomam para os seus jogos a longas distâncias têm os seus inconvenientes. Os jogadores do grupo francês que acabam de regressar da rápida visita ao Extremo Oriente queixam-se que não tiveram tempo para se habituarem à mudança de hora, muito sensível. Era uma diferença de 8 horas. Na altura em que tinham de jogar, em pleno dia, sentiam vontade de dormir, e à noite não tinham sono nenhum. Além disso o calor, os mosquitos e as recepções (oficiais e particulares) são outros tantas desculpas para o facto de não terem conseguido apresentar aos indígenas uma magnífica demonstração do futebol europeu. Os dois desafios que venceram não foram nada de extraordinário e os indígenas que tinham de pagar os bilhetes muitíssimo caros ficaram decepcionados.

Os suecos aborrecidos

Os suecos não têm sentimentos particularmente amigáveis para com o futebol dos outros países que atravessam os seus melhores jogadores, levando-os a abandonar o seu país pelos grandes ordenados. Os dois irmãos Nordhal emigraram para a Itália, e agora fala-se de Carlsson que já jogou o Stade Français a obter melhor classificação na 1.ª Divisão da França; diz-se que emigraria para a Espanha onde é procurado pelo Atlético de Madrid. Com ele os espanhóis esperam constituir uma ala direita maravilhosa com Ben Barrek à ponta e Carlsson a interior.

Afim de pôr um travão à tendência emigratória dos jogadores escandinavos, a Suécia e Dinamarca falam de pedir à Federação Internacional o estabelecimento de uma lei pela qual o jogador estrangeiro deverá residir seis meses num país antes de nele poder jogar.

No Luxemburgo terminou já o campeonato. O St de Dudelange foi o vencedor. Esse país tem também a sua Taça em que o Dudelange venceu o Rodanges Racing Club por 1-0, ponto marcado de grande penalidade.

O Brentford vai à Suécia

A Suécia deve receber a visita de um Misto espanhol que fará 5 jogos. O Brentford fará também a viagem à Suécia e há quem fale em arranjar um desafio entre os grupos inglês e espanhol. Em Julho a visita será feita pelo clube jugoslavo Partizan, jogando o primeiro desafio em Estocolmo contra o A. I. K. E' provável que o Futebol Clube de Milão visite

igualmente a Suécia e há também negociações para o Lille realizar 5 jogos nesse país entre 3 e 16 de Junho.

No campeonato nacional sueco, o Gais não está a mostrar a mesma forma brilhante que no Outono, em que conseguiu 14 golos a 0, em 5 desafios. G-Is vai à frente nesta prova da Primavera, mas o M-lmoec tem muitas probabilidades de vencer ainda o campeonato.

Em Florença, cidade onde a Itália se encontrará com a Austria em 22 de Maio, achou-se uma forma de o Estádio receber mais espectadores. O campo tem presentemente 80.000 lugares, mas a capacidade está a ser aumentada para 85.000, retirando metade dos lugares sentados e fazendo lugares de pé.

O futebol alemão tenta singrar

O futebol alemão está a conhecer tempos difíceis para se aguentar firmemente. Alguns dos conhecidos jogadores internacionais de antes da guerra encontram-se ainda em actividade. Por exemplo: Conon (Estugarda), Att-l (St. Paul), Streitle (Boyer de Munique), Adamckiewicz (Hamburgo S. V.). Os clubes são pobres e a propaganda em cartazes é dispendiosa. Um dos clubes arranjou alguns voluntários que no intervalo se apresentam à assistência fazendo a propaganda do desafio seguinte. Por vezes esses homens apresentam-se emburalhados numas lonas em que se encontram especificados os acontecimentos seguintes, mostrando-se durante 5 minutos a uma parte da assistência, e nos cinco minutos seguintes a outra.

Da Rui, o guarda-redes da raça, deixou de fazer parte do grupo na-

cional francês, tendo o sr. Gaston Barreau, seleccionador único, escolhido Vignol, do Stade Français, para ocupar o seu lugar nos desafios de Amsterdão e Glasgow.

O grande encontro anual entre os dois clubes de Paris, o Racing Club de Paris e o Stade Français, terminou este ano com uma vitória do Stade por 1-0. O ponto foi marcado no final da segunda parte. Ambos os grupos sofreram muito da súbita mudança de temperatura e o futebol apresentado foi de fraca qualidade.

Procurado pelos clubes profissionais

Charles Quaino, natural da Normandia, que joga num clube emador de Vernon — o Stade de Porte-Normande — marcou 32 golos no total de 48 obtido pelo seu clube. Como avançado-centro de uma selecção que defrontou o exército francês deu muito que fazer aos seus adversários. Depois disso sabe-se que há muitos clubes profissionais que lançam sobre ele as suas vistas.

Como é que os juniores escoceses conseguiram perder com os juniores franceses no torneio internacional da Holanda? Foram os próprios escoceses que responderam depois do desafio: «os franceses mereceram ganhar porque jogam mais rápido e com mais firmeza». Os escoceses levavam vantagem na primeira metade com 1-0, e por pouco não marcaram mais duas vezes, tendo defendido nessa altura a barra.

Os franceses, na segunda metade, parecia um grupo diferente depois de terem ouvido o treinador. Marcaram 3 pontos em 4 minutos e os escoceses só marcaram 1, ficando o resultado em 3-2.

ARCADIA O DANCING N.º 1

= DA CAPITAL =

Estreia brilhante da jovem bailarina DORITA de TRIANA

Exitó retumbante dos extraordinários estilistas de ritmos brasileiros

Orquestra Fon-Fon

num grandioso programa com JOSEFINA MARIA em bailes à guitarra acompanhados por

Manolo Navarro, Carmelita de Cardoba, Mary-Mely, Emilia Gomez, Isabelita Navarro, Mavel Valencia

ORQUESTRA ARCADIA com a vocalista norte-americana DAINA

Abertura às 22 — Variedades às 0,15 e 2,15 horas

A MODERNA

OFICINA DE ENCADENAÇÃO

Rua Eduardo Coelho, 22-C — Telef. 30078

LISBOA

Stadium

na capital do Norte

O VALOR DE FANDIÑO E OS SEUS CRÍTIOS

No Porto para muitas vezes a injustiça. O «casso Fandiño» revela bem o modo infeliz como se critica, para não dizer «incompetência como se julga». O jogador argentino do F. C. do Porto, quanto a nós, e logo que o vimos actuar, elemento de boa categoria, veio a ser apreçado de maneira tão inferior, mesmo depois do seu regresso na equipa azul branca, que nos repugna aceitar os bons propósitos dos seus «adversários».

Só como «adversários» podem ser tratados alguns comentadores. Fandiño não ficará no Porto, não fica por certo. No entanto, quando um dia passar em revista certas opiniões, certos conceitos que leu, com certeza há-de sorrir com desprezo ou comiseração.

Não conhecemos Fandiño pessoalmente. Nunca lhe falamos. Apreciamo-lo pelo valor demonstrado no campo, e sabemos-lo correcto. Tanto nos basta para lhe afirmarmos que as suas qualidades não são mal apreçadas por quem sabe de futebol e nele anda por bem.

A PROVA DE FERNANDO MOREIRA EM MARROCOS

Dissemos que Fernando Moreira partiria para Marrocos tendo apenas por companhia a sua bicicleta. Todavia, achamos que a «Volta», seja qual for a sua classificação, fará muito bem ao popular ciclista do F. C. do Porto.

Fernando Moreira, que já ganhou uma etapa (nesta altura) tem demonstrado. Nunca lhe falamos. Apreciamo-lo pelo valor demonstrado no campo, e sabemos-lo correcto. Tanto nos basta para lhe afirmarmos que as suas qualidades não são mal apreçadas por quem sabe de futebol e nele anda por bem.

A POUCA SORTE DO PORTO NOS SORTEIOS DA «TAÇA»

A maneira como a «Taça» é disputada não pode «gradar-nos». Escrevemos antes de domingo — é bom dizer-se já. Mas, seja qual for o resultado de Setúbal, achamos que o sistema des-grada. O F. C. do Porto, tanto podia ganhar como perder. Em 3 sorteios — 3 saídas, e difíceis. A outros, não aconteceu assim. Todos tiveram jogos em casa, menos alguns da primeira eliminatória.

Ors, este jogo de lotaria não pode «gradar» numa verdadeira prova desportiva. Não se dá aos «times» ocasião de queimar a sua chance. «De-golam-se» com saídas sem reciprocidade. Nem so menos um campo neutro...

Acham os espíritos imparciais que é justo? Talvez só aos beneficiados isto pareça bem. Todavia, talvez apenas até, que a roda anda favoravelmente para um lado...

«Como é do conhecimento geral, foram eleitos, no ultimo dia 9 de Março, os Corpos Gerentes para o ano de 1949. A sessão magna decorreu sem atritos, por não haver mais do que uma lista apresentada à votação.

Porém, por circunstâncias várias, tal eleição não foi superiormente sancionada, devendo ser repetido o acto eleitoral. Porque a situação actual é insustentável e agride os interesses insalubres da colectividade, impunha-se há muito tempo nova eleição. Não se realizou ainda. Mas, segundo nos consta ela terá lugar, no próximo dia 6 de Maio, sexta-feira.

De novo, vão ser escolhidos os elementos que administrarão os destinos do mais representativo clube do Norte, cujo prestigio deve ser defendido custe o que custar.

Impõe-se, portanto, que uma única lista se apresente à boca das urnas e que a mesma inclua nomes fora das tristes e lamentáveis ocorrências das ultimas Assembleas Gerais. E' necessário que não haja margem para dissidências, dentro da massa associativa do clube.

O F. C. do Porto nunca precisou tanto, como agora, do esforço generoso e do sacrificio de todos. Abatam-se as pequenas vaidades feridas e os egoísmos perigosos, para se pensar unicamente em aumentar a glória do campeão nortenho.

E isto consegue-se com bem pouco. Um bocadinho de desprezo pelos interesses pessoais e muita simpatia pelos problemas que afectam, presentemente, o F. C. do Porto.

A lista única aceite e votada por todos é uma solução. Deve, portanto, merecer de todos aceitação pronta e apoio incondicional.

Assim se pronunciou o nosso colega «Jornal de Notícias». Certo. Certíssimo. O autor está absolutamente de acordo com o nosso artigo de há 8 dias: «Espíritos Serenos». Porque não, em verdade, fazer prova de serenidade e de amor clubista numa altura como esta? Ganha o F. C. do Porto alguma coisa com dissidências entre os seus sócios?

Está próxima a assembleia geral. Pois aguarde-se uma «boa resposta». Resposta dos que querem viver em paz e querem servir o seu clube.

Curiosidades... Além do sorteio... — o árbitro!

Pereira, o argentino que «tam-bém» sabe jogar, talvez venha a alinhar mais jogos pelo F. C. do Porto. O clube portuense conta com ele nas suas organizações particulares.

«A «epoca», no Porto — está pela hora da morte... Os clubes defendem-se e os jogadores já não vão em «cantigas».

Os desportistas portuenses acharam curiosa uma reclamação do Atlético sobre o jogador Vital. Julgamos que nada se lucra em fomentar dissidências e lembrar sucessos aborrecidos.

As boas exibições de Carvalho têm sido apreciadas. Outro rapaz que resgiu contra algumas «cíticas que o desmoralizavam. Toda a defesa do F. C. do Porto está em forma — mas alguns fingem que não vêem...

Há uma forte corrente que pretende fazer disputar novamente os campeonatos regionais. Na verdade, a «Taça» perde ambiente.

Há agressões que irritam pela sua maldade. No jogo Vitória de Guimarães-Porto viram-se algumas que o árbitro desculpou. Erro grave do sr. Borques L-al. Lamentamos que tal tenha acontecido, e protestamos contra os reincidentes.

Uma apreciação oportuna

Pessoa amiga chamou a nossa atenção para uma local do bol-tim do Sporting C P. — local que não resistimos a transcrever. Diz-se no Boletim:

«Todas as segundas-feiras continua a andar à roda a lotaria da «Taça de Portugal». E como em todas as lotarias, a uns continuam a sair os prémios graúdos e a outros o jogo em branco. E' caso para se dizer que, para uns, as tetas continuam «beberadas», ao passo que a outros a macaca os não larga. Nesta hilariante prova da «Taça de Portugal», a nossa simpatia vai incondicionalmente para dois clubes: o Sporting da Covilhã e o Futebol Clube do Porto. Os «eleções» da serra levam uma boa carreira na prova, com jogos em casa e fora de casa. Quanto ao Futebol Clube do Porto, pode ser-lhe atribuído, com toda a justiça, um campeonato nesta prova: o campeonato do azar, que ele já ganhou com todas as honras.

Custa a crer que numa organização desportiva se mantenha uma prova com todas as características de um jogo de azar, na qual há clubes que podem fazer todos os jogos em casa, no concheço do seu público e das suas comodidades, enquanto outros são forçados a fazê-los todos no campo dos adversários, com o seu cortejo de inconvenientes.

Não há dúvida de que vale a pena «sacrificar» a «Taça de Portugal» os campeonatos regionais. Ela é, sem contestação, um êxito desportivo... e financeiro.»

Estamos mais ou menos de acordo. E como defendemos também uma revisão aos dois torneios em causa («Taça» e regionais) aplaudimos este pensamento do Boletim leonino. Esperemos que alguma coisa se faça. Assim — só a sorte manda!

«Acabou-se! Jogar contra o adversário e ainda suportar a acção do árbitro — é demais».

Foram estas as palavras que ouvimos a Gomes de Sousa, o correcto director do F. C. do Porto, à sua chegada de Setúbal. E continuou:

«Não pretendo «desculpar» a derrota da equipa. Fui jogador do 1.º grupo do F. C. do Porto, perdi e ganhei muitos jogos. E quando perco bem — que se há-de fazer?»

Então o árbitro...

«Resolveu o «problema», negando-nos uma grande penalidade, quando Figueiredo substituiu o guarda-redes, na baliza. Toda a gente viu menos o árbitro. Esse anuncia» «é...»

«Não chegava já a pouca sorte do sorteio nesta «Taça» que nenhum regulamenta convenientemente.

— Protestam?

— Para quê?

— Mas acabou o sr. Borques

Leal pouco independent?

— Eu não sei se é ou não é independente. O que sei, o que vi,

— viram todos! — foi um jogador do Vitória tirar uma bola de dentro das redes; outro, quando

Baptista estava fora, defender uma

bola que ia a entrar! O F. C. do Porto ainda há pouco recusou um árbitro. Pois parece que há outros para entrar na lista. Que diabo — quem se não sente...

E para remate: — quando conseguiremos ir aos campos com a ideia de jogarmos apenas contra 11?»

SETÚBAL NAS MEIAS-FINAIS



O Vitória de Setúbal ataca impetuosamente, e Virgílio tem de rebuscar na gama dos seus recursos o sentido da defesa



O portuense acorre com decisão, mas o guarda-redes de Setúbal está atento...



Os algarvios defenderam-se corajosamente. Repare-se na atitude do guarda-redes, e na atenção dos defesas



Com ímpeto e vigor, um dos avançados do Atlético tenta intervir na jogada com êxito

ATLÉTICO NAS MEIAS-FINAIS



NO PORTO



1 — A tripulação de séniores do Sport Clube do Porto, vencedora do Campeonato Regional de Remo; 2 — O 4 de júniores do Fluvial do Porto, que ganhou a porva regional; 3 — Um aspecto da mesa de honra do banquete comemorativo das «bodas de prata» do Sport Clube do Porto.

PALAVRAS DO ENGENHEIRO DUARTE BELO

"Nas regatas de França os portugueses evidenciaram excelente espírito de equipa!"



O maior triunfo da vela nacional — O *caillou*, tripulado pelos irmãos Belo, quando alcançou o 2.º lugar dos Jogos Olímpicos em Torquay

Parece que foi de propósito! O eng. Duarte Belo, iniciado no desporto da vela aos 10 anos de idade, começou a sua vida profissional, atarefado com a via-férrea Lisboa-Caiscais que abrange os principais centros de vela do distrito. E, porque não dizê-lo, do País.

Presentindo que ainda não se tinha dito tudo sobre as regatas de Meulan, procurámo-lo no seu gabinete de trabalho, mesmo ao lado de um recinto desportivo — um campo de basquetebol. E nada tem o desporto a estranhar por ver um dos seus mais representativos elementos, colocado entre um campo de jogos e uma linha marginal que abrange o espaço da mais importante actividade náutica do País.

A nosso pedido, o eng. Duarte Belo começou por elucidar-nos da razão porque a nossa equipa representou em Meulan o Clube Naval de Cascais. Nada menos do que isto: quando se realizaram as regatas de Selecção desconhecia-se que a competição de França seria disputada inter-clubes.

— Como, porém, os três seleccionados eram sócios do Clube Naval de Cascais, embora Mário Quina corresse pela Mocidade Portuguesa e Henrique Anjos pela Brigada Naval — não houve que hesitar. E a Federação achou bem que o Clube Naval de Cascais constituísse a nossa representação.

Depois contou-nos:

— surpreendeu-nos agradavelmente o local das provas. Juntam-se ali, num imponente cenário cerca de 300 embarcações. Um rico centro da náutica onde vivem em comum todos os grandes valores da vela francesa: Ferrisol, Baudouin, Lebrun, Laverne e muitos outros. Todos os anos, pela do Cercle de la Voile de Paris com a

Páscoa, se repetem nas mesmas águas estas regatas de participação de clubes estrangeiros, na classe preferida pelo clube gaulês — «sharpica» de 9^m. 2.

Datam de há quarenta anos estas provas — e a França nunca as perderá!...

PARA SE TREINAREM CONVENIENTEMENTE, OS PORTUGUESES DESPREZARAM A VIDA AGITADA DE PARIS

Encantado com a recepção dos franceses — impossível de igualar-se — o eng. Duarte Belo disse-nos que o facto da equipa portuguesa procurar, logo que chegou, alojamentos em Meulan, perto do local das provas, causou admiração aos nossos adversários.

(Continua na pág. 15)



O «stars» dos irmãos Belo no Campeonato do Mundo em Cascais



Os novos velejadores de Portugal, França e Holanda que disputaram as regatas da Páscoa em Meulan. Mário Quina, Duarte Belo e Henrique Anjos são, respectivamente o 2.º, 3.º e último a contar da esquerda

ATLETAS PORTUGUESES. NO ESTRANGEIRO

FERNANDO MOREIRA NA «VOLTÀ A MARROCOS»



Fernando Moreira e Julian Berrendero estão na «Volta a Marrocos», embora representando agora colectividades diferentes. Fernando Moreira tem revelado o seu valor. E Berrendero também, evidentemente.

Fernando Moreira, antigo campeão nacional de fundo e velocidade, vencedor da «Volta a Portugal» em 1948, foi convidado para tomar parte na «Volta a Marrocos», disputada por elevado número de corredores de vários países. O valoroso estradista nortenho partiu para Marrocos nas vésperas da corrida. E foi para a prova absolutamente sósinho, apenas com a máquina por companhia.

Em Marrocos encontrou Fernando Moreira corredores com quem já tem lutado — Luiz Longo, Custódio dos Reis, Max André e Julian Berrendero, este de novo em ligação com o Futebol Clube do Porto. Mesmo assim, o corredor nortenho é, praticamente, um concorrente isolado, sem apoio para qualquer situação de aperto. Nestas condições, correndo Fernando Moreira em situação pouco favorável para brilhar, não tem deixado de marcar o seu valor, a despeito de ser pouco feliz na primeira tirada.

A abertura da «Volta» num percurso pequeno, somente com 95 quilómetros, galgados em velocidade, não deu margem para defesa, em expectativa. Classificou-se em 27.º, e nesse lugar ficou na classificação geral, a 6^m 5^m do vencedor, Bloomer, belga.

No segundo dia, com trajecto mais extenso, e em marcha menos rápida, pôde Fernando Moreira entrar em sexto e passar a oito na lista geral. Bloomer não passou de oitavo e Custódio dos Reis, correndo por um clube marroquino, classificou-se em sétimo. O lugar de honra passou para Caffi, francês, triunfador na etapa.

Fernando Moreira foi terceiro na contagem de pontos para o «Prémio da Montanha», da terceira etapa. A sua melhor proeza, até ao momento em que escrevemos, registou-se, porém, no quinto troço da «Volta», entre Agadir e Tarondant, com 83 quilómetros.



Custódio dos Reis, o francês filho de portugueses, é já nosso conhecido, por ter corrido no Sporting! Vivendo em Marrocos, está presente na «Volta» e bem classificado

(Continua na pág. 15)

A VIDA DESPORTIVA FORA ESSE MUNDO FORA

Ténis

Os campeonatos de Paris do jogo de ténis terminaram com a vitória do jogador estadunidense Frank Parker, em vilietatura pela Europa, ganhando a final masculina por 6/0, 5/7, 3/6, 9/7, 6/2, em detrimento de Marcel Barnard, jogador número um da equipa da França.

O desafio foi emocionante porque Bernard, depois de actuar frouxamente na primeira partida, e estar a perder por 5/1 na seguinte, reanimou-se e a batalha entrou numa fase de excepcional beleza até que a regularidade e precisão do americano conseguiram levar a melhor.

A pareilha Pedro Masip-Cochet triunfou de Marcel Bernard, Jean Thomas, por 3/6, 7/5, 5/7, 6/2 e 6/1, no campeonato de «pares-masculinos».

Boxe

Resultados e acontecimentos mais importantes, ocorridos na semana finda:

Na América, o campeão mundial de «leve» Ike Williams, actuando em Cleveland, derrotou o pugilista Vince Turpin, dando-o a dormir ao 6.º assalto. Outro preto, Ray Robinson, titular de «semi-médios», está em vésperas de ser suspenso pela Associação Nacional, caso persista na sua decisão de não subir ao ringue em Houston (Texas) conforme se comprometeu.

Na Europa, o pugilista americano Steve Billoise dispôs do campeão de França de «médios», Jean Stock, massacrando-o e acabando com ele ao 8.º assalto, por intervenção do árbitro.

Titi Clavel derrotou Claude Ritter por escassa diferença, em 15 assaltos, adquirindo o Campeonato de França de «semi-médios», na mesma sessão que se realizou no Velódromo de Inverno, em Paris.

Esgrima

Os campeonatos do Mundo das três armas, já concluídos nesta data, constituíram uma bela vitória dos italianos. Exceptuando dois títulos individuais de florete, masculino e feminino, ganhos por D'Orsola e pela austríaca, Mulcr-Preiss, tudo foi apanagão dos concorrentes transalpinos.

Por equipas a Itália venceu no florete, espada e sabre; Dario Mangiarotti ganhou a espada e Dare o sabre. Excelente desforra dos insucessos de 1948.

NOTA DA SEMANA

AQUELA pequena localidade dos subúrbios de Londres, que há um quarto de século era o ponto de reunião preferido dos habitantes da vasta urbe, quando buscavam o ar puro do campo e o cenário verdejante das colinas, e agora contém um estádio colossal, pobre de linhas arquitectónicas, vasto como as depressões abissais que povoam a mente dos poetas neoliberais — numa palavra, Wembley — voltou no último sábado do mês de Abril, a ser o cenário do espectáculo mais importante do futebol de todo o Mundo.

A Taça da Federação Inglesa foi criada em 1871 e o troféu custou sómente 25 libras-curo. Vinte e cinco anos depois, estando na posse do Aston Villa, um larápio teve artes de furtividade do escarpale onde a linha do estádio, para satisfazer os olhares dos curiosos. Adquirida nova taça, coube-lhe em sorte — depois de alguns anos de servir como símbolo — ser entregue a Lord Kinaird, homenageando os altíssimos serviços que o referido fidalgo prestou, como presidente da Federação, ao futebol inglês.

Em sua substituição apareceu, no ano de 1911, o objecto artístico que ainda perdura e pela primeira vez ficou na posse temporária do clube de Bradford City. Como é difícil de triunfar sucessivamente no torneio da Taça de Inglaterra, o regulamento prevê a posse definitiva da mesma quando um clube a detenha três anos seguidos, mas isso sucedeu uma vez e o feliz detentor ofereceu-a novamente, para manter o estímulo e a tradição da prova.

Depois dessa data, só um clube, o Blackburn Rovers, conseguiu vencer em dois anos sucessivos e a hipótese de uma vitória triplice parece afastada para sempre, graças aos azares da Fortuna e ao processo de eliminação em vigor.

Os dois adversários de sábado último, o Wolverhampton Wanderers e o Leicester City — se a saúde do monarca inglês o permitiu — formaram em linha, para receber o tradicional «shak-hand» de Jorge VI, altíssima distinção que o soberano de Inglaterra reserva aos jogadores finalistas.

Aut Caesar, aut nihil — ou tudo ou nada — o desporto mais popular do Reino Unido recebe assim, de ano para ano, a consagração pública que o eleva à categoria de respeitável entre os jogos nris do povo inglês.

Wembley é visto mas torna-se pequeno para a solenidade do «match». Em 1923, no dia da inauguração do estádio, o público inadiado de lés a lés e ocupou todo o espaço possível até às linhas de cabeceira e laterais do retângulo. Muitos de lntores de b lhtes, alguns dos quais pagaram dez guineus, ficaram fóra do edifício e a Federação devolveu-lhes as importâncias dispendidas, num total de quatro mil libras.

Como foi o espectáculo deste ano ainda não podemos dizer nada ao leitor, mas tudo leva a crer que a imponência, o entusiasmo, o brilhantismo da disputa e o fair-play figuraram como sempre em grande escala.

A final da Taça é, pois, um acontecimento invulgar e de repercussão europeia, copiado constantemente na maioria dos países onde o jogo da bola redonda assentou arraiais.

Rafael Barradas

Futebol

A final da Taça da Escócia foi ganha pelo clube Glasgow Rangers que bateu o Clyde, em Hampton Park, por 4 bolas a 1.

O desafio final para a Taça de Inglaterra (profissional) terminou pela vitória do Wolverhampton Wanderers sobre Leicester City, por 3 bolas a 1.

O desafio efectuou-se no Estádio de Wembley, assistindo cem mil pessoas e a receita arrecadada atingiu 39.300 libras.

O irlandês Sammy Smyth, interior direito, e Pye, avançado

centro, foram os marcadores de los Wolves. Griffiths, marcou na 2.ª parte o único tento Leicester.

Os vencidos ressentiram-se da ausência de Don Revie, o excelente avançado que ficou no castaleiros e jogaram a primeira parte recessos. Depois do intervalo, reagiram animosamente mas a superioridade dos Wolves esteve sempre patente no terreno.

A final da Taça de Inglaterra, entre amadores, pertenceu ao Bromley vencendo por 1-0 o Romford, no Estádio de Wembley. Assistiram ao jogo 95.000 espectadores, cifra que muito diz sobre a importância do desafio.

Atletismo

O célebre atleta panamaniano Lily La Beach, correndo em Provo, cidade americana do Estado de Utah, igualou o recorde mundial das 220 jardas (em poder de Jess Owens) no tempo de 20,3 s. e triunfou na corrida de 100 jardas, em 9,5 s.

Outro atleta de cor, Herbert Mc Kenly, venceu as 440 jardas em 47,7 s. à frente de Geo Guida.

A semana passada foi particularmente fértil em acontecimentos invulgares, no domínio das corridas e dos saltos. O atleta da Universidade de Texas, Jerry Walter, por exemplo, transpôs em altura 2,0037; o conhecido Mel Patton venceu as 100 jardas em 9,6 s. e as 220 em 20,9 s.; o lançador Fuchs arrojou o peso a 16,098 e Frank arrojou o disco a 50,09 e Hoskin saltou em comprimento 7,56.

Automobilismo

A semana passada foi muito fértil em provas automobilísticas. Na Itália, por exemplo, realizaram-se as «Mil Milhas», no circuito de Brescia, mas, como os «volante» argentinos, Fangio e Campos estiveram ausentes, houve menos entusiasmo que se esperava. O italiano Biondetti triunfou pela quarta vez, conduzindo uma viatura Ferrari de 2 litros de cilindrada.

O Gã-Prémio de Paris, antecipado por um minuto de silêncio em memória do corredor francês Jean Pierre Wimille, terminou com a vitória de Etancelin, a bordo de um auto Talbot, percorrendo 314 710 km. em 2 h. 5. 31,8 s., ou seja a 150,164 km. de média horária.

Notou-se a ausência do «volante» monaquense, Chiron, na pista de Montlhéry.

Ciclismo

A decisão proferida pela comissão desportiva da Federação Francesa de Ciclismo a propósito da ordem de chegada da última corrida velocipédica Paris-Rubix, anulando a classificação previamente estabelecida em favor de Sérgio Coppi (irmão de Fausto, o super-ás transalpino) causou em Itália uma viva decepção.

A «Gazzetta dello Sport» informa, depois de um artigo violento, que a União Velocipédica Italiana vai apelar para a União de Ciclismo Internacional, contra a classificação do corredor francês Mahé, agora beneficiado.

A grande corrida de estrada Paris-Bruxelas, considerada como um verdadeiro «derby» velocipedico franco-belga, permitiu uma retumbante vitória dos pedais franceses. Triunfou, em 8 h. 51 m. e 2 s. (326 km. de percurso) o corredor Maurice Diet, seguido de Thomas, a cinco comprimentos.

Os franceses obtiveram quatro lugares entre os seis primeiros, cabendo-lhes o 1.º, 3.º, 4.º e 6.º.

Voleibol

A equipa representativa da França derrotou a da Itália, em Jany, por três partidas a uma (15-11, 14-16, 15-11 e 15-13).

DUARTE BELO

faz-nos curiosas revelações

(Continuação da pág. 13)

—Contei isto a um amigo que pouco conhece de desporto. Eis o seu comentário: «Com mil demónios!... Paris — a tentação — ali ao lado a 40 quilómetros, e esses rapazes, cheios de vida e mocidade, isolados do Mundo, entre centenas de embarcações!»

Realmente, numa época em que os direitos são maiores que os deveres também nos causa estranheza a existência de desportistas de rara ténpera, como Duarte Belo, Henrique Anjos e Mário Quina.

Depois deste nosso desabafo, Duarte Belo continuou as suas declarações:

— Com a maior lealdade, os franceses deram-nos todas as indicações. Treinámos e, finalmente, as regatas começaram com nove barcos, três de cada clube: Cercle de la Voile de Paris, Clube Naval de Cascais e Real Clube Náutico de Loodsrecht. Três clubes, três nações — França, Portugal e Holanda. A luta travou-se principalmente entre nós e os franceses. Os holandeses não conheciam a classe. Não podiam por isso competir em plano de igualdade. As provas desenrolaram-se então beneficiadas pelo bom tempo e tiveram o desfecho já conhecido. E os franceses que começaram com excessiva confiança, acautelaram-se depois e acabaram surpreendidos com a vitória portuguesa.

Interrompemos para perguntar se os velejadores correram sempre nos mesmos barcos ou se estes eram revezados.

Eis a resposta:

— Havia três séries de barcos, cada qual com um bom, um médio e um mau. Esses três grupos de embarcações foram revezados pelas três equipas nas três regatas. Cada clube distribuía os barcos pelos seus velejadores como entendia.

— Nesse caso teve influência na classificação individual de cada prova o critério da distribuição dos barcos?

— Certamente. Mas o torneio interessava apenas colectivamente. E, assim, fizemos essa escolha da melhor maneira para o «jogo da equipa». No primeiro dia corri no barco bom, o Quina no médio, e o Anjos no mau. Era a série em que tínhamos treinado e desta maneira aproveitámos os barcos que cada um já conhecia. No outro dia, o barco bom foi para Anjos, o médio para mim e o mau para Quina. O resultado deu resultado, pois conseguimos equilibrar mais as nossas posições com a subida de Anjos.

Na última regata o nosso «jogo de equipa» desbaratou os franceses!

E o eng. Duarte Belo prosseguiu:

— A última regata era decisiva: ou nós ou os franceses. Na vés-

pera, os nossos adversários viram-nos retirar das águas os «sharpiés» destinados para o outro dia. E então Perrissol — o mais perigoso concorrente — disse-nos: «já sabemos que vais correr no barco bom, o Quina no médio e o Anjos no mau... Portanto — já sabes — vou-te cobrir e os meus companheiros cobrem o Quina e o Anjo. E assim ganhamos».

«Os franceses tinham-nos visto tirar os barcos da água e fizeram as suas deduções. Claro que se enganaram. Durante a noite traçámos planos. E decidimos: como o Perrissol se vai preocupar comigo, corre o Quina no barco bom, eu no médio e o Anjos — ele próprio o quis — como continuava adiantado correu no mau. Na largada o Perrissol veio sobre mim, aliás o que se pretendia, e enquanto nós seguíamos junto à margem o Mário Quina largou no meio do rio. Numa largada de poupa ele era o que tinha melhor vento. As duas por três vimo-nos numa situação desgracada: o Perrissol ia à frente, o Quina que lhe faltou o vento no meio do rio fez um bordo «salvador» e colocou-se em 2.º; eu era o penúltimo e o Anjos o último. Numa zona onde havia vento, Laverne que era tido como o mais conhecedor do local, fez um bordo e todos o seguiram. Todos menos eu e o Anjos. Foi a nossa salvação. Passámos para os 3.º e 7.º lugares. Eu e Quina, lado a lado, empreendemos manobras diferentes. E Perrissol que continuava na frente não sabia qual dos dois havia de cobrir. Decidiu-se por Quina e este teve então a grande oportunidade de revelar o seu magnífico espírito de equipa. Entreteve de tal maneira Perrissol que eu pude isolar-me e alcançar a meta em 1.º lugar. O Quina chegou em 4.º e o Anjos que corria no pior barco e que se encontrava adoentado desde o primeiro dia, classificou-se em 7.º — e não podia fazer melhor.

«O seu esforço foi notável. E o espírito de colaboração que acompanhou a todos — mais notável ainda.

Dois revelações sensacionais

Por último o eng. Duarte Belo fez-nos três revelações muito importantes:

Seu irmão Fernando Belo casa-se depois de amanhã e no dia 28 vai para Luanda. Desfaz-se assim essa excelente tripulação dos irmãos Belo. De futuro teremos Duarte Belo e José Bustorff.

Duarte Belo, convidado pessoalmente para tomar parte na «Connaught Cup», ainda não sabe se pode aceitar. Está também interessado no Campeonato da Europa em «stars» — e as datas de selecção e regatas, num e noutro lado, coincidem umas com as outras.

Henrique Parreirão

Pense nas vantagens que a BIRO MINOR lhe proporcionará

A Biro Minor — o membro mais novo da família Biro — mantém a popularidade na sua utilização dentro de casa.

Agora, a Biro Minor foi modificada de maneira a poder-se substituir-lhe a bomba para tinta de qualquer das cores-Biro — vermelho, verde, azul e preto-azulado. Outro aperfeiçoamento, é a junção de uma cabeça exterior de protecção que permite transportá-la com segurança para toda a parte.

Como a célebre caneta Biro, as novas Biro Minors e as bombas sobresalentes vendem-se em toda a parte com tinta apropriada às condições climáticas do país.

Biro Minor

A Biro e a Biro Minor satisfazem tôdas as necessidades de quem precisa de escrever

Distribuidor para Portugal: António Campós-Trav. Nova de S. Domingos, 9-12-Lisboa



FERNANDO MOREIRA

na «Volta a Marrocos»

(Continuação da pág. 13)

O estradista português, bem colocado no «pelotão» da frente, adiantou-se a Custódio dos Reis no «sprint» final, e cortou a «meta» em vencedor. Subiu, por isso, a quarto lugar na classificação geral. E ficou apenas a 2 m. 15 s. do respectivo «leader», J. Bayert, francês.

Entre Taroudaut o Manaqueche, que incluiu a escalada do Monte Tizi-N'Test, com 2.700 metros de altitude, não correu a prova de fiação para Fernando Moreira, pois conseguiu somente entrar em nono, a 3 m. 2 s. de Caffi, outra vez vencedor de etapas. O corredor lusitano desceu, por isso, a oitavo lugar na classificação geral. Caffi voltou a «leader», desafiando dessa posição J. Bayert. Em terceiro, ficou Brule, também francês.

E' de esperar que a marcha da prova permita nova recuperação a Fernando Moreira, sempre valorosa. E para pôr em relevo o comportamento de Fernando Moreira, devemos a notar ainda que ele se tem classificado melhor que alguns corredores nossos conhecidos, como Longo e Max André. Custódio dos Reis já foi batido

numa etapa. Robic, o vencedor da «Volta à França» de 1947, excelente trepador, não tem sido feliz. E Julian Barrendero não se mostrou em plano superior a Fernando Moreira.

Aguardemos, pois, o resto da «Volta».

AS ENTIDADES DESPORTIVAS E A «STADIUM»

Federação Portuguesa de Natação

Do organismo que superiormente dirige a natação no nosso País recebemos o seguinte ofício:

A Direcção da Federação Portuguesa de Natação, no momento em que termina o seu mandato, vem por este meio patentear a V. todo o seu reconhecimento pela forma como a Revista de que V. é muito digno director, sempre acompanhou a actividade da natação portuguesa, pela publicidade e propaganda que lhe dedicou, por todo o relevo, enfim, dado às nossas organizações onde quer que elas se realizassem.

Correspondemos simplesmente com o nosso proceder, a maneira como fomos tratados pela Federação Portuguesa de Natação.

Aniversário do «Mundo Desportivo»



O «Mundo Desportivo», ao comemorar o seu 4.º aniversário, que representa, aliás, muitos mais anos de trabalho, conquistou um grande êxito. As gradas figuras do desporto compareceram. Raul de Oliveira pôde apreciar como é estimado. Eis um aspecto do banquete, na altura de Tavares da Silva, nosso chefe de redacção, usava da palavra



PROVAS DA MOCIDADE PORTUGUESA

No Estádio Nacional realizaram-se no domingo as primeiras provas do torneio de «mínimos» de atletismo a que concorrem os

vários Centros de Lisboa. Também no campo do Estádio Nacional disputou-se a final do campeonato provincial de basquetebol. Foram finalistas as equipas das Alas de Oeiras e de Torres Vedras, cujos grupos publicamos.



COVILHÃ nas meias-finais

Dois aspectos curiosos do encontro da «Taça de Portugal» entre o Covilhã e Braga. Os rapazes do Sporting da Covilhã estão a honrar o futebol da sua terra



O Lisboa Ginásio visitou o Algés e Dafundo. As classes do prestigioso Instituto de Educação Física exibiram-se com o costumado brilhantismo. O nosso cliché foca a classe de senhoras, durante a apresentação dos seus exercícios

Onofre Tavares venceu os 200 K.

O benfiquista Onofre Tavares foi o vencedor da corrida dos 200 quilómetros disputada no último domingo para o Campeonato Regional. O título, porém, ficou na posse de José Martins. Na foto: Onofre Tavares depois da chegada



ACADEMICA, FINALISTA

O grupo dos estudantes de Coimbra apurado para a final de júniores.



SALGUEIROS-ACADEMICA — A defesa dos estudantes não deixa o centro-avanzado do Salgueiros passar... Cumpre a sua obrigação